

Hora da Conversão

A questão central da economia brasileira hoje passa por uma palavra inevitável: investimento. Sem a retomada dos investimentos, por melhores que sejam as fórmulas de ajuste, ortodoxas ou heterodoxas, o país embarcará fatalmente em estrangulamentos por falta de matérias-primas e de bens de consumo.

Para promover investimentos, o país precisa de poupança. A poupança pode ser acumulada no Governo, ou na economia privada. O Governo deixou de poupar há muitos anos, e suas pobres contas demonstram que as receitas tributárias cedo não irão cobrir sequer as folhas de pagamento do funcionalismo. A poupança privada foi ou está sendo toda carreada para financiar os títulos públicos, e a poupança externa mantém-se à distância, com algumas e honrosas exceções, particularmente no caso de reinvestimentos de lucros de multinacionais.

O primeiro passo concreto que este governo dá para retomar os investimentos externos é o programa de conversão de dívida em capital, através de leilões de divisas em Bolsas de Valores. Esses leilões podem demonstrar internamente qual o deságio efetivo da dívida, atendendo às forças de mercado, e não a uma arbitragem da burocracia, que evidentemente atenderia a propósitos políticos.

O que distingue o sistema atual do anterior é, também, um jogo mais a descoberto, sem o clientelismo e o cartório que quase se montou no ministério da Fazenda, ainda na gestão dos Srs. Bresser Pereira e

Fernando Milliet, não importa para atender a quais pressões dos altos escalões e interesses políticos da República.

As Bolsas de Valores estão preparadas para se transformarem em palco da mudança que terá enorme significado para a vida econômica brasileira. A fórmula de conversão da dívida vai obrigar o Governo a economizar, contendo o déficit público, para transferir cruzados que poderão ser usados para o aumento do capital fixo de empresas privadas.

É preciso, porém, que a conversão se aperfeiçoe. Ainda estamos longe de chegarmos ao ponto em que as Bolsas de Valores — os palcos mais abertos para o conhecimento dos negócios por toda a população — venham a desempenhar todo o papel que delas se espera. Têm razão os seus representantes ao defenderem que uma parcela substancial de recursos seja destinada a investimentos através dos papéis negociados nas Bolsas.

Ou o Brasil aprende o caminho de tornar sua economia menos elitista — e o Mercado de Capitais é o principal portal para levar a essa estrada — ou a conversão ficará em circuitos tradicionais, sem todos os benefícios que se poderiam extrair de uma ampla democratização do mercado de ações, tomando esses recursos como alavanca. Oxalá as autoridades responsáveis continuem avançando. Já é um grande passo a descartorialização que se pretendeu impor com a primeira resolução do Banco Central sobre o assunto.